

# CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL À ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL DE ADOLESCENTES: A ESCOLHA PROFISSIONAL EM QUESTÃO

*CONTRIBUTIONS OF THE CULTURAL-HISTORY PSYCHOLOGY FOR THE  
VOCATIONAL GUIDANCE OF ADOLESCENTS: CAREER CHOICE IN QUESTION*

Maria Beatriz Loureiro de OLIVEIRA<sup>1</sup>

Ricardo Eleutério dos ANJOS<sup>2</sup>

---

**Resumo:** Este artigo apresenta aportes teóricos da Psicologia Histórico-Cultural à orientação profissional de adolescentes. Mesmo reconhecendo a importância da orientação profissional nas mais variadas áreas de atuação como a orientação aos pais de alunos, funcionários de empresas, egressos de cursos de graduação, graduandos etc., este artigo faz um recorte específico. Ele analisa a orientação profissional no contexto escolar para adolescentes que completam seu último ano do ensino médio e que têm à sua frente o desafio da escolha profissional. Para tanto, foi analisada a questão da escolha profissional como uma prática situada a partir do modelo de produção capitalista e não como um problema universal do gênero humano. Por fim, diante das principais concepções sobre a escolha profissional defendida pelas teorias Tradicionais e Críticas de orientação profissional, foram apresentadas algumas propostas em orientação profissional na abordagem Histórico-cultural, as quais buscam superar a visão naturalizante do ser humano, bem como a superação da dicotomia indivíduo-sociedade e a desfetichização da individualidade diante das escolhas profissionais.

**Palavras-chave:** Orientação Profissional. Psicologia Histórico-Cultural. Adolescentes.

**Abstract:** This paper presents theoretical contributions of Historical-Cultural Psychology vocational guidance for adolescents. While recognizing the importance of vocational guidance in various areas of expertise as guidance for parents of students, corporate employees, graduates of undergraduate, graduate etc., This article makes a specific perspective. He examines the career guidance in the school for teens who complete their senior year of high school and have the challenge ahead of career choice. Therefore, we examined the issue of career choice as a practice located on the model of capitalist production, and not as a universal problem of mankind. Finally, before the main concepts of career choice theories advocated by Traditional and Critical vocational guidance, some propose career guidance in history-cultural approach, which seek to overcome the naturalistic view of human beings as well as overcoming the individual-society dichotomy and the demystification of individuality in the face of career choices.

**Keywords:** Vocational Guidance. Historical-Cultural Psychology. Teens.

---

<sup>1</sup>Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1991), pós-doutorado em Psicopedagogia na Universidad de Alcalá de Henares - Espanha (2000). Atualmente é professora voluntária da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, junto ao Departamento de Psicologia da Educação na UNESP - Campus de Araraquara. Professora do Núcleo de Educação a Distância da Universidade de Franca - UNIFRAN.

<sup>2</sup> Psicólogo pela Faculdade da Fundação Educacional Araçatuba (FAC-FEA) e Mestre em Educação Escolar pela UNESP, campus de Araraquara. Integrante do Grupo de Pesquisa cadastrado no CNPQ com o título: "Estudos Marxistas em Educação", ligado ao Departamento de Psicologia da Educação, da UNESP de Araraquara. Professor de psicologia na FAC-FEA; UNIP e FATEB. e-mail: ricardo.eleuterio@hotmail.com.

## Introdução

A escolha profissional é uma prática que teve sua gênese e sua importância em uma determinada época da história, por isso não deve ser considerada como um problema universal da espécie humana. Na Grécia antiga, por exemplo, onde se valorizava o ócio, o trabalho era atividade dos cidadãos não livres, caracterizado principalmente por grandes esforços físicos por parte desses homens, para que pudessem, dessa forma, auferir seu estipêndio para sua sobrevivência. O trabalho não era desvalorizado, mas sim a questão de a pessoa ser dependente de um senhor, de um “patrão” e de um salário para sobreviver. Pois o camponês independente, que trabalhava apenas para comer, que produzia o fruto através do seu trabalho suado em um pedaço de terra própria, era mais valorizado do que um artesão ou um mordomo que dependiam de outrem para obter condições para a sua sobrevivência. Não havia qualquer tipo de escolhas, pois havia uma determinação de acordo com a condição de classe da família ou em função das vitórias ou derrotas nas guerras (BOCK, 2006).

Na Idade Média, as habilidades e aptidões das pessoas eram entendidas como um dom, uma vocação que a pessoa herdava de Deus. Diante de tal fato, não havia espaço para o homem escolher sua profissão, afinal, Deus já determinara a ocupação de cada um. Bock (2006), afirma que ao indivíduo cabia-lhe a aceitação de sua vocação e daí em diante, seria necessário aceitar a sua situação, a saber, os filhos de nobres continuariam nobres, os filhos de plebeus, plebeus.

Porém, foi no sistema de produção capitalista que a escolha por uma profissão tomou sua forma e importância. Bock (2006) destaca que, na passagem do feudalismo para o capitalismo, o homem foi liberto dos laços de sangue e suas aptidões e vocações não mais poderiam ser explicadas como uma dádiva de Deus. Houve, nesse momento, a necessidade de uma explicação empírica e organicista. Destarte, os dons e aptidões de uma pessoa foram justificados através de sua estrutura biológica.

Acreditava-se que o indivíduo nascia com um dom especial para realizar uma ou mais tarefas. Atrelado a esse fator, o capitalismo trouxe em seu bojo o pensamento liberal, caracterizado por uma individualidade exacerbada. A partir de então, o homem foi considerado um ser autônomo que podia tudo, podia traçar o seu próprio caminho, podia fazer suas escolhas livremente. Bastava-lhe tão somente se esforçar, estudar, trabalhar bastante que seus sonhos seriam realizados (BOCK, 2006; FERRETTI, 1988a).

Consequentemente, em tempos hodiernos, o pensamento liberal defende que as escolhas profissionais são de inteira responsabilidade de cada sujeito. Cada um é livre para

escolher o que quer. Quem não conseguir “vencer na vida” é porque escolheu mal sua profissão ou não descobriu ainda sua vocação. Tudo está nas mãos do indivíduo. A culpa, desta maneira, é sempre da pessoa e não há, de maneira alguma, uma crítica ao seu contexto sócio cultural. A ideologia capitalista apregoa que todos têm a mesma oportunidade e que o sucesso está nas mãos daqueles que se esforçam. Para o capitalismo, o sucesso ou o fracasso pessoal e profissional são frutos das escolhas certas ou erradas da pessoa (BOCK, S., 1995).

## **1 As Teorias em Orientação Profissional**

Nesse contexto acima citado, a psicologia iniciou sua contribuição à orientação profissional. Através de testes psicológicos e testes de perfis, auxiliou e auxilia até hoje o indivíduo a se conhecer e, conseqüentemente, descobrir qual é o seu tipo de personalidade e onde poderá ser encaixado no mercado de trabalho. A avaliação tecnicista e psicométrica foram difundidas e utilizadas para encaixar cada indivíduo em seu trabalho ou em seu cargo, de acordo com suas aptidões e habilidades. Ou seja, entrou em cena o antigo chavão: “A pessoa certa no local certo”. Diante dos resultados psicométricos e dos dados “legitimamente científicos”, o avaliado teria muitas dificuldades em se opor e se defender de tais rotulações a ele impostas. Bock, S. (1995, p. 63), afirma que:

a ideologia diz que, se houver harmonia entre o indivíduo e seu trabalho, ele será mais “feliz”. Entretanto, sabemos que o que está por trás desta visão é sua maior produtividade. Cabe a cada indivíduo ajustar-se à estrutura social que já está pronta e acabada.

Silvio Bock (2006) classifica este tipo de orientação profissional como Teorias Tradicionais, Liberais. Dentre elas, o referido autor classifica as seguintes teorias psicológicas: a teoria traço e fator; teorias psicodinâmicas; teorias desenvolvimentistas e teorias decisórias. Essas teorias são caracterizadas por investigar o perfil de cada pessoa para que estas sejam remetidas às determinadas ocupações. Tais teorias vão desde o pensamento inatista até o desenvolvimentista, mas, a rigor, todas elas têm como foco o sujeito autônomo e possuidor de uma vocação, seja ela inata ou constituída a partir do desenvolvimento humano.

Em contrapartida, Bock (2006), relaciona outra abordagem em orientação profissional denominada de Teorias Críticas. Nessa nova classificação, o autor insere pesquisadores como Ferreti (1988a; 1988b) e Pimenta (1979), como principais representantes. Notou-se que, ao

contrário das Teorias Tradicionais de orientação profissional – que concebiam um indivíduo autônomo e único responsável pelas suas escolhas profissionais – as Teorias Críticas excluíram o poder de escolha do indivíduo ao afirmar o determinismo social sobre essas escolhas.

Bock, A. (2001, p. 319), concorda com a afirmação de Silvio Bock<sup>3</sup> de que:

(A teoria crítica) ao negar a existência da liberdade de escolha acaba por também negar a existência do indivíduo. Ele passa a ser entendido como reflexo da organização social, não detendo nenhum grau de autonomia frente a tais determinações. A estrutura social tem um poder avassalador sobre o indivíduo, negando a sua existência.

As Teorias Críticas dizem que o homem não escolhe, pois este está inserido num contexto social que é o fator determinante de suas escolhas. Não há liberdade de escolhas como defende as Teorias Tradicionais. Porém, segundo Bock (2006), Celso Ferreti reformulou um pouco suas concepções ao dizer que o indivíduo escolhe e ao mesmo tempo não escolhe, pois há um limite nessas escolhas de acordo o seu contexto social. Porém o referido autor não se dedicou a explicar como tal processo ocorre.

Diante das abordagens Tradicionais e Críticas de orientação profissional, respectivamente, ora encontra-se um sujeito autônomo da sociedade, que decide sua profissão de acordo com seu perfil ocupacional, ora encontra-se um sujeito que não pode escolher, pois quem define sua ocupação é o contexto social em que vive. Vê-se em ambas as abordagens uma unilateralidade e uma dicotomia entre o indivíduo e sociedade. Bock (2006), no entanto, apresenta outra abordagem, que denominou de “Teoria para Além da Crítica”. Desse modo, o autor destaca a aplicabilidade da abordagem histórico-cultural à orientação profissional.

## **2 A Psicologia Histórico-cultural e sua contribuição à Orientação Profissional**

Também conhecida como Psicologia Sócio-Histórica, a Psicologia Histórico-Cultural é uma abordagem psicológica que surgiu na União Soviética, no início do século XX, embasada na concepção materialista histórica dialética da teoria marxista. Essa abordagem concebe o homem como um produto histórico-cultural. Segundo Leontiev (1978), o homem, sendo um ser de natureza social, tudo o que ele tem de humano provém da sua vida em

---

<sup>3</sup> BOCK, Silvio. A escolha profissional: uma tentativa de compreensão da questão na perspectiva da relação indivíduo/sociedade. Obra mimeografada. (BOCK, 2001, p. 319).

sociedade, através da cultura criada ao longo da história dessa sociedade<sup>4</sup>. Deste modo, não há uma natureza humana e o homem aprende a ser humano através da cultura produzida historicamente. Humaniza-se e transforma o mundo com seu trabalho, depositando no mundo material uma nova configuração dessa humanidade. Leontiev (1978, p. 282) afirma que

O homem não nasce dotado das aquisições históricas da humanidade. Resultando estas do desenvolvimento das gerações humanas, não são incorporadas nem nele, nem nas suas disposições naturais, mas no mundo que o rodeia, nas grandes obras da cultura humana. Só apropriando-se delas no decurso da sua vida ele adquire propriedades e faculdades verdadeiramente humanas. Este processo coloca-o, por assim dizer, aos ombros das gerações anteriores e eleva-o muito acima do mundo animal.

Essa concepção é totalmente oposta à concepção liberal, uma vez que esta última refere-se à visão de um indivíduo vocacionado, autônomo e independente das relações sociais, políticas, econômicas da sociedade em que está inserido. Ao contrário, Leontiev (1978, p. 88) afirma que “a consciência individual do homem só pode existir nas condições em que existe a consciência social”.

A Psicologia Histórico-Cultural também não compactua com as afirmações da citada Teoria Crítica de Orientação Profissional, porque esta exclui o indivíduo ao afirmar que ele não escolhe sua profissão, pois está sujeito às determinações sociais. De acordo com o precursor da psicologia Histórico-Cultural, Vygotski<sup>5</sup> (1995), o indivíduo internaliza a cultura historicamente construída pela sociedade. Não se trata de uma mera cópia do mundo externo e nem de um reflexo desta sociedade, mas é um processo caracterizado por uma nova configuração a partir de sua subjetividade. Em outras palavras, a realidade interpessoal – social e histórica – é configurada em intrapessoal, isto é, subjetiva. Na concepção desta abordagem psicológica, não há dicotomia entre indivíduo e sociedade. Homem e sociedade vivem numa mediação onde um expressa e contém o outro, sem perderem, no entanto, sua singularidade.

Bock (2006) diz que a Orientação Profissional na abordagem Sócio-Histórica não vê o homem como um ser autônomo da sociedade, capaz de realizar suas escolhas de maneira isolada como demonstra as Teorias Tradicionais liberais. Também não vê também o homem

---

<sup>4</sup> Mas na sociedade de classes, mesmo para o pequeno número que usufrui as aquisições da humanidade, estas mesmas aquisições manifestam-se na sua limitação, determinadas pela estreiteza e caráter obrigatoriamente restrito da sua própria actividade; para a esmagadora maioria das pessoas, a apropriação destas aquisições só é possível dentro de limites miseráveis (LEONTIEV, 1978, p. 283).

<sup>5</sup> O nome **Vigotski** é encontrado na literatura de várias formas, tais como Vygotsky, Vygotski, Vigotskii. A grafia “Vigotski” será padronizada neste trabalho, porém, quando tratar-se de referência a uma edição específica, será preservada a grafia usada naquela edição.

como um simples reflexo desta sociedade, onde o indivíduo não tem nenhuma participação nas escolhas, como demonstra a concepção Crítica. A abordagem Histórico-Cultural, de acordo com Oliveira (1995), concebe o indivíduo como um ser determinado e determinante diante da sociedade. Ou seja, o determinado também é determinante. As escolhas do indivíduo são multideterminadas.

Diante de suas escolhas profissionais, o adolescente, segundo Bock (2006), não o faz de forma despersonalizada. Isto quer dizer que, ao escolher uma profissão, o adolescente está expressando que quer ser igual a uma determinada pessoa, por meio dos contatos pessoais, exposição à mídia, leituras etc. Não se espera, portanto, que o adolescente aprenda sozinho ou que construa um conhecimento autônomo sobre um determinado trabalho. Seria ingênuo esse pensamento, típico do idealismo, onde se acredita que os conhecimentos construídos ao longo da história da humanidade poderiam manifestar-se no indivíduo sem a mediação de outro indivíduo.

Quanto mais complexa e desenvolvida for uma determinada atividade profissional, mais necessário será um processo formativo que prepare o adolescente para o exercício dessa profissão. O problema reside na forma que a educação escolar vem tomando em relação a esta questão. Martins (2004) chama a atenção de que as políticas educacionais têm se centrado no treinamento de indivíduos a fim de satisfazer os interesses do mercado. Obviamente que o assunto sobre a inserção do indivíduo no mundo do trabalho deve estar na pauta da educação escolar, porém, conforme afirma a referida autora, a redução da educação à formação de competências é que deve ser objeto premente de análise crítica, “posto o empobrecimento que incide sobre os fins educacionais, convertidos em meios para uma, cada vez maior, adaptação passiva dos indivíduos às exigências do capital.” (MARTINS, 2004, p.53).

O maior desafio da orientação profissional para adolescentes escolares é o de conseguir, ao mesmo tempo, preparar para a atuação no mundo do trabalho e não limitar a formação do indivíduo a um processo de adaptação ao mercado de trabalho, à lógica do capital e à ideologia burguesa. Isto é, trata-se de não se limitar a formação do indivíduo a um processo de reprodução da força de trabalho sem, contudo, ignorar o fato de que vivemos numa sociedade capitalista na qual boa parte da humanidade precisa vender sua força de trabalho para obter os recursos necessários à sobrevivência. Entretanto, limitar a orientação profissional do adolescente a uma mera adaptação ao mercado de trabalho seria abdicar da luta pela superação da sociedade capitalista, da divisão social do trabalho e da alienação.

### 3 Desafios e propostas em Orientação Profissional de adolescentes na concepção da Psicologia Histórico-Cultural

A necessidade de reflexão sobre uma orientação profissional numa perspectiva histórico-cultural é reforçada por resultados de pesquisas realizadas por Andriani (2003), a respeito das escolhas profissionais dos adolescentes. Essas pesquisas argumentam que o pensamento dos adolescentes sofreria uma forte influência de ideias oriundas da visão liberal (burguesa) do ser humano, da sociedade etc. Essas ideias difundidas entre os adolescentes contribuiriam para um estado ilusório e de passividade. São, na verdade, manifestações contraditórias, pois, ao mesmo tempo em que afirmam que o esforço pessoal, a vontade de vencer e as tendências inatas são condições necessárias para a realização das escolhas profissionais, acreditam também que a sociedade é um fator impeditivo de suas realizações pessoais e profissionais.

Andriani (2003, p. 241), expressa muito bem esta problemática ao dizer que, para os adolescentes pesquisados, “[...] a realidade social foi configurada como impeditiva, castradora, cruel, uma vez que atua no sentido de impossibilitar e restringir a atualização das liberdades e tendências inatas que levarão à felicidade”. A partir dessas pesquisas e dos desafios que elas despertam, é possível introduzir algumas propostas de intervenção em orientação profissional.

#### a) A necessidade de superação da visão naturalizante de ser humano

Em primeiro lugar, a contribuição da psicologia Histórico-Cultural para a orientação profissional seria a de desmistificar a visão naturalizante do ser humano. Este aspecto auxiliaria o adolescente a rever sua concepção reducionista, caracterizada na existência de um dom ou de uma vocação natural do homem. Nesta perspectiva, espera-se que o adolescente não se limite ou não se iluda diante de um dom que pensa que tem ou de um dom que espera descobrir em seu interior.

Conforme Leontiev (1978, p. 273), o homem vem ao mundo sem defesa, sem armas e possuidor de apenas uma aptidão, a saber, **“a aptidão para formar aptidões especialmente humanas”** (grifo nosso). Em outras palavras, o único dom que o ser humano tem é o de não ter nenhum dom, mas, ao mesmo tempo, a possibilidade de aprender conteúdos historicamente construídos pela sociedade. Para esse autor, por exemplo, a aquisição da

ciência seria a condição da formação das aptidões científicas, a apropriação da arte é a condição do desenvolvimento artístico e não o contrário.

Nesse ínterim, o autor destaca a importância da educação, por meio da qual seria possível a transmissão do conhecimento às novas gerações. “O movimento da história só é, portanto, possível com a transmissão, às novas gerações, das aquisições da cultura humana, isto é, com a educação” (LEONTIEV, 1978, p. 273). O autor acrescenta que cada indivíduo “aprende a ser um homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana” (Idem, p. 267).

Neste primeiro aspecto do problema da naturalização do gênero humano, poder-se-ia, ainda, discutir sobre a temática da adolescência. Porém, considerando os limites de um artigo, somente algumas considerações serão aqui apresentadas. Para a psicologia histórico-cultural, a adolescência, como fase do desenvolvimento psicológico, tem sua origem na história das transformações pelas quais passaram as sociedades, ou seja, as transformações dos modos de produção (ANJOS, 2011).

De acordo com Bock (2004), devido à revolução industrial, ocorreram grandes mudanças no modo de viver dos indivíduos. O avanço tecnológico trouxe em seu bojo a exigência de capacitação profissional para que o indivíduo pudesse adentrar no mundo do trabalho. Com isso, outra exigência ocorreu, a saber, um considerável prolongamento do tempo de formação, obviamente, reunindo os adolescentes por mais tempo na escola.

Em razão disso, afirma Bock, os adolescentes teriam começado a se distanciar dos pais e, conseqüentemente, formado um novo grupo e construído uma nova fase de desenvolvimento. Para Bock (2004, p. 41) “a adolescência refere-se, assim, a esse período de latência social constituída a partir da sociedade capitalista, gerada por questões de ingresso no mercado de trabalho e extensão do período escolar, da necessidade do preparo técnico”.

Essa discussão que Bock destaca é válida, porém, não reflete toda a realidade deste contexto. Ou seja, o citado distanciamento dos pais não fora causado apenas pela inserção do adolescente na escola nem o prolongamento da adolescência fora reflexo do prolongamento do tempo de escolaridade. Isso aconteceu apenas com as camadas privilegiadas da sociedade, ou seja, com a burguesia.

Isambert-Jamati (1966) afirma que, durante muito tempo, a maior parte da população foi separada de seus pais, devido o contrato anual de trabalho dos jovens rurais, ou devido à aprendizagem junto de um artífice distante. Essa autora assevera que tais rupturas eram



praticamente definitivas e tais compromissos, bem como a entrada ao exército, convento ou seminário, frequentemente aconteciam a partir dos 12 ou 13 anos de vida.

Enquanto a industrialização do século XIX obrigou as classes inferiores a uma infância muito curta, causando a dissociação das famílias de classe operária por serem compelidas a enviarem seus filhos para o trabalho a partir dos oito anos de idade, a burguesia, por sua vez, ofereceu longos estudos para seus filhos, no objetivo de prepará-los para os negócios econômicos.

A adolescência, para a psicologia histórico-cultural, portanto, não pode ser reduzida apenas a um processo de mudanças biológicas, naturais, caracterizadas por consequentes síndromes devido aos “hormônios que estão à flor da pele”. Vygotski (1996, p. 36) afirma que os cientistas biólogos equivocam-se, com grande frequência, ao considerar o adolescente um ser apenas biológico, natural. O autor afirma que, sobretudo, o adolescente é um ser histórico e social. Isso não significa, entretanto, que Vigotski e outros psicólogos dessa corrente desconsiderassem ou secundarizassem a importância da materialidade biológica no desenvolvimento psicológico humano. O caráter histórico e social do psiquismo humano estrutura-se sobre a base dos processos neurofisiológicos e qualquer psicologia que desconsidere esse fato estará fora do campo científico.

Destarte, a evolução biológica não está paralisada, nem a espécie humana cristalizou-se a partir de sua vida em sociedade. O que ocorreu foi que as leis biológicas e as características determinantes do desenvolvimento humano pautadas na hereditariedade não são mais as forças motrizes do desenvolvimento humano, pois cederam lugar às leis sócio-históricas.

Não é objetivo deste artigo a realização de um levantamento das pesquisas nos campos da história e da sociologia sobre a adolescência. Essas poucas e rápidas menções a discussões sobre as circunstâncias histórico-sociais que levaram ao surgimento da adolescência têm tão somente a intenção de registrar a consciência da complexidade dessa temática e que um pressuposto central deste estudo é o de que a adolescência não é algo natural e inato, mas sim um fenômeno produzido pela história das sociedades divididas em classes sociais.

#### b) A necessidade de superação da dicotomia indivíduo-sociedade

Em segundo lugar, a contribuição da Psicologia Histórico-Cultural para a orientação profissional seria a de conscientizar os adolescentes sobre a importância do seu contexto social, isto é, discutir a “realidade social como um determinante essencial, como algo

fundamental a ser considerado, não como um impedimento, que só destrói, que não permite a realização dos sonhos, mas como algo que constrói o próprio sonho” (AGUIAR; OZELLA, 2003, p. 275).

Um desafio premente para a orientação profissional de adolescentes é promover-lhes uma reflexão crítica diante da escolha de uma profissão, considerando as multideterminações do indivíduo nestas escolhas. Aguiar e Ozella (2003, p. 267), apontam que os adolescentes por eles pesquisados “não se percebem como seres históricos, isto é, constituídos no seu movimento, ao longo do tempo, pelas relações sociais, pelas condições sociais e culturais engendradas pela humanidade”.

Neste mesmo contexto, nas pesquisas de Bock e Liebesny (2003, p. 218), estas autoras afirmam que,

A ideologia liberal [...] é forte entre estes jovens. Cada um deve fazer seu esforço para vencer na vida e cada um faz o esforço que quiser, na direção que escolher. Como se fossem seres isolados que não interferem com suas vidas nas outras vidas. Tudo vale; tudo pode ser. O corolário disso é a autculpabilização pelo eventual fracasso, como se a vontade e o esforço do sujeito – e só dele – não tivessem sido suficientes para alcançar o objetivo de vencer na vida. [...] Não indicam qualquer percepção de que o coletivo crie o diverso e esta diversidade seja a fonte e a possibilidade da individualização. Não valorizam a coletividade; não se percebem pertencentes a ela; não a incluem em seus projetos.

A orientação profissional, portanto, deve favorecer ao adolescente uma análise histórico-social das escolhas profissionais. Devem apresentar-lhes as contradições da sociedade capitalista e conscientizá-los da alienação do trabalho, ou melhor, dos graus de alienação do trabalho. Isto também ajudaria na desfeticização de ideias cristalizadas oriundas da ideologia capitalista.

Não se pode negar que, no sistema capitalista, a classe dominada, subalterna, vive em condições sociais e econômicas precárias e excludentes. Mas, justamente por viverem nestas condições, a orientação profissional deve assistir não somente aos jovens da burguesia, mas, sobretudo, os das classes subalternas. Trata-se de proporcionar-lhes condições para refletirem sobre seu contexto social, para que, a partir daí, esses jovens possam “**construir e desconstruir desejos e escolhas, de uma forma pela qual a realidade estaria sendo avaliada [...]**” (AGUIAR; OZELLA, 2003, p. 275, grifo nosso).

Porém, nessa mesma linha de ponderações, é preciso não esquecer que boa parte dos adolescentes brasileiros ingressa no mundo do trabalho não tanto em decorrência de um processo de escolha profissional, mas muito mais em função da necessidade de obter um emprego e das alternativas concretas de emprego que se lhe apresentam. Levar em conta essas

circunstâncias é importante para não adotarmos uma visão idealista no debate sobre a importância da orientação profissional na escolha por uma profissão.

c) A desfetichização do individualismo diante da escolha profissional

E, por fim, ainda que consciente de que há tantas outras contribuições da Psicologia Histórico-Cultural para a orientação profissional, destaca-se o terceiro e último aspecto, qual seja: a superação da esperança mágica no esforço pessoal. O individualismo é a marca central na ideologia liberal. Partindo da influência dos princípios de igualdade, liberdade e fraternidade da Revolução Francesa de 1789, período este marcado pela passagem do feudalismo para o capitalismo, surge um novo pensamento, a saber: o homem pode tudo, seu destino está em suas mãos, desde que esse se esforce e batalhe na vida. Há uma ilusão em acreditar que o indivíduo pode tudo, que ele é dono de seu destino, amparado na condição de um esforço pessoal (BOCK, 2006; FERRETTI, 1988a).

Com efeito, como já foi dito neste artigo, quando o indivíduo não consegue uma realização pessoal e profissional, a culpa é toda dele. Pois, se todos têm a mesma oportunidade na vida como apregoa a ideologia liberal, resta culpabilizar o indivíduo, pois este não se esforçou o suficiente ou não tem o dom específico para certas ocupações. Observa-se, nesse tipo de pensamento, que as determinações sociais, políticas, econômicas etc., não são cogitadas como fatores determinantes da escolha profissional. São simplesmente ocultadas e mascaradas pela ideologia do **querer é poder**.

Patto (1991), citada por Bock (2006), denuncia os engodos da ideologia capitalista encontrados, inclusive, na ciência psicológica. A ilusão aqui apresentada caracteriza-se por isentar a sociedade de classes pelos fracassos do indivíduo. Em outras palavras, se o indivíduo fracassou em seus planos, a culpa é toda dele, a sociedade não tem nada a ver com isso, pois ela oferece a mesma oportunidade para todos.

Um desafio premente da orientação profissional é promover uma reflexão crítica aos adolescentes que estão prestes a escolher sua profissão. Um fato importante consiste em que a maioria dos adolescentes não percebe esta multideterminação, produzindo assim, o pensamento liberal de homem. Ao apresentar resultados de pesquisas em Orientação Profissional, Bock, A. (1995, p. 19), diz o seguinte:

Uma característica do adolescente, bastante observada por nós, é a tentativa de afirmar uma grande autonomia nas suas decisões: ele acredita que escolhe sozinho e que nada interfere nas suas escolhas a não ser a sua vontade. Desta maneira, o grupo de amigos, a família e os meios de comunicação de massa não são vistos como determinantes de suas escolhas; acreditam que fornecem apenas algumas dicas, mas não percebem seu peso [...] Cabe a nós, portanto, criarmos condições [...] para que o jovem se defronte com tais questões e as reflita, **aprofundando e conhecendo cada vez mais a realidade onde vive**. [...] Nossa experiência tem mostrado que o jovem dá um grande salto em seu processo de escolha da profissão, quando **compreende o caráter social de seu processo individual** (grifos nossos).

A orientação profissional deve favorecer uma análise sócio-histórica diante das escolhas destes indivíduos, a fim de detectar as crenças e ideias cristalizadas, oriundas da ideologia capitalista e do pensamento neoliberal. Segundo Vygotski (1995), quando se estuda algo historicamente, significa estudar o movimento, pois, seria contraditório acreditar que, estudando a história, incluísse apenas o passado. A história, para esse autor, está em constante movimento e esse movimento é caracterizado pelo método dialético. A orientação profissional deve, por sua vez, pesquisar a origem, buscar a relação que existe entre os fatos históricos e identificar conceitos que foram cristalizados no sujeito através dessa história. Desse modo, acredita-se que tais conteúdos podem ser modificados quando apresentados ao indivíduo.

### **Considerações finais**

Este artigo apresentou três aspectos importantes a serem discutidos em uma orientação profissional à luz da Psicologia Histórico-Cultural, quais sejam: a necessidade de superação da visão naturalizante de ser humano; a necessidade da superação da visão dicotômica entre indivíduo e sociedade e; atrelada a esse segundo aspecto, a necessidade de desmistificar os pressupostos liberais que defendem que o ser humano, independente das condições socioculturais, pode escolher sua profissão. Ou seja, há a necessidade de discutir esse processo como um movimento dialético de interdependência, diante das multideterminações de uma escolha profissional.

Outro aspecto importante para esta intervenção em orientação profissional pode ser encontrado nos pensamentos de Gramsci dirigidos à educação. Considerando, neste artigo, que a orientação profissional é uma relação de educação, pode-se utilizar as considerações de Gramsci (1991, p. 136), para esse processo, pois o referido autor propõe “um tipo único de escola preparatória (elementar-média) que conduza o jovem até os umbrais da escolha profissional, formando-o entrementes como pessoa capaz de pensar, de estudar, de dirigir ou de controlar quem dirige”.

Além disso, para Gramsci (1991), esse ensino sistematizado – que é a especificidade da escola – deve “lutar” contra o folclore, ou seja, deve combater o conhecimento mágico e ir além do senso comum e do cotidiano. Desse modo, acredita-se que a proposta levantada neste artigo tem considerável relevância, pois visa o combate do pensamento liberal, mágico e ilusório, no contexto da orientação profissional aqui analisado.

A orientação profissional na abordagem Histórico-Cultural é considerada, sobretudo, um processo de mediação, a qual requer que o orientador profissional seja este mediador mais experiente, a fim de socializar conhecimentos historicamente produzidos por gerações precedentes. Não se trata, portanto, de uma prática horizontal como propõem os métodos pedagógicos não diretivos, por exemplo. Nem por isso o orientando terá uma atitude passiva, pois, enquanto lhe é transmitido o conhecimento sistematizado, este vai se apropriando dos conteúdos, o que requer alto grau de atividade intelectual.

Com base no conceito de Zona do Desenvolvimento Proximal, em Vigotskii (1998), a orientação profissional baseada na Psicologia Histórico-Cultural não deve trabalhar apenas com os conteúdos que trazem os orientandos, mas deve, a partir desses conteúdos, proporcionar-lhes um salto qualitativo ao abordar novos conteúdos para sua reflexão e desenvolvimento de suas escolhas profissionais. Pois, conforme Vigotskii (1998, p. 114), “o único bom ensino é o que se adianta ao desenvolvimento”.

Evidentemente, são muitas as propostas que a Psicologia Histórico-Cultural pode oferecer para a pesquisa e para a intervenção em orientação profissional que não foram abordados neste artigo. Espera-se, com este trabalho, contribuir para que novas pesquisas sejam realizadas nesta perspectiva.

OLIVEIRA, Maria Beatriz Loureiro de; ANJOS, Ricardo Eleutério dos. Aportes teóricos da psicologia sócio-histórica para a pesquisa e intervenção em orientação profissional: a escolha profissional em questão. **Avesso do Avesso**, Araçatuba, v.9, n.9, p. 20-34, nov. 2011.

## Referências

AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. O sentido subjetivo atribuído à escolha profissional: um estudo com jovens de camadas populares. In: OZELLA, S. (Org.). **Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 253-275.

ANDRIANI, A. G. O significado construído por jovens negros pertencentes a camadas populares sobre a escolha do futuro profissional. In: OZELLA, S. (Org.). **Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 223-251.

ANJOS, R. E. A educação escolar de adolescentes e a formação dos conceitos científicos. **Temas em educação e saúde**, FCL/UNESP/Araraquara, v. 7, p. 97-123, 2011.

BOCK, A. M. B. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 24, n. 62, p. 26-43, abr.2004.

BOCK, A. M. B; LIEBESNY, B. Quem eu quero ser quando crescer: um estudo sobre o projeto de vida de jovens em São Paulo. In: OZELLA, S. (Org.). **Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2003. 203-221.

BOCK, A. M. B; AGUIAR, W. M. J. Por uma prática promotora de saúde em orientação vocacional. In: BOCK, Ana M. Bahia et al. **A escolha profissional em questão**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995, p. 9-24.

BOCK, S. D. Concepções de indivíduo e sociedade e as teorias em orientação profissional. In: BOCK, Ana M. Bahia et al. **A escolha profissional em questão**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995, p. 61-70.

BOCK, S. D. **Orientação profissional: a abordagem sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2006.

FERRETTI, C. J. **Uma nova proposta de orientação profissional**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1988a.

FERRETTI, C. J. **Opção trabalho: trajetórias ocupacionais de trabalhadores das classes subalternas**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1988b.

GRAMSCI, A. Para a investigação do princípio educativo. In: \_\_\_\_\_. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 129-139.

ISAMBERT-JAMATI, V. A adolescência na sociedade moderna. **Análise Social**, vol. IV, n. 14, 1966, p. 185-197. Disponível em:  
<<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224167546B2sPA2qt0Dm30EC7.pdf>>. Acesso em 10 de Abril, 2012.

KNOBEL, M. A síndrome da adolescência normal. In: ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência Normal**. 10. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. p. 24-62.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

MARTINS, L. M. Da formação humana em Marx à crítica da pedagogia das competências. In: DUARTE, N. (Org.). **Crítica ao fetichismo da individualidade**. Campinas: Autores Associados, 2004. p. 53-73.

OLIVEIRA, M. B. L. Programa de intervenção em orientação profissional com um grupo experimental. **Doxa**, Araraquara, vol. 1, n. 2, p. 89-108, 1995.

VIGOTSKII, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 6. ed. São Paulo: Ícone, 1998. p. 103-117.

VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas III**. Madri: Centro de Publicaciones del M. E. C. y Visor Distribuciones, 1995.

VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas**. Tomo IV. Madri: Visor, 1996.